

## Interações do MPEG, INPA e Mamirauá com a sociedade por meio do Facebook<sup>1</sup>

Thiane de Nazaré Monteiro Neves<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Pará

### RESUMO

Diversas instituições científicas amazônicas tem-se proposto a participar das redes digitais como um dos caminhos para se envolver com os novos diálogos sociais. No presente artigo, buscamos refletir sobre estas novas interações, analisando os *facebook*s de três instituições científicas amazônicas: Museu Paraense Emílio Goeldi, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, todas são unidades de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e buscam romper com a comunicação midiática de via única, para trabalharem uma comunicação colaborativa e voltada para a interação com a sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; mídia digital; *Facebook*; instituições de ciência; Amazônia.

### Introdução

A curiosidade e o estranhamento são dois dos inúmeros estímulos que levam pesquisadores a estudos científicos tão profundos a ponto de estes estudos se tornarem leis e teorias extremamente importantes na história da ciência no mundo. Muitos conhecimentos adquiridos partem de observações sobre experiências, sobre o empírico, “fora das muralhas universitárias” (MARQUES DE MELO, 2011, p. 262), mas é importante que se perceba que as pesquisas empíricas estejam também à disposição da academia.

Longe de considerarmos que chegaremos a uma nova teoria sobre a função e a prática científica, foram estes os estímulos que nos levaram a esta observação, inicialmente desarticulada, sobre os perfis do *facebook* de três instituições científicas da Amazônia.

Partindo do questionamento sobre “o que é compartilhado nos perfis de *facebook* das instituições científicas na Amazônia?”, optamos, então, por uma observação sistematizada que nos ajudasse a entender melhor sobre as interações dessas instituições por esta rede. Tendo como objetivo “observar, comparar e analisar os perfis de *facebook* das unidades de pesquisa do Ministério da Ciência e Tecnologia-MCTI sediadas na Amazônia”. Portanto, nossos objetos de análise foram o Museu Paraense Emílio Goeldi-MPEG (Belém/PA), Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia-INPA (Manaus/AM) e Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá-Mamirauá (Tefé/AM).

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo Temático História da Mídia Digital que integra o 2º Encontro Regional Norte de História da Mídia e 2º Seminário de História, Cultura e Meios de Comunicação na Amazônia, realizados na Universidade Federal do Pará, nos dias 12 e 13 de novembro de 2012.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, turma 2012. Bolsista CAPES. E-mail: [thicaneves@gmail.com](mailto:thicaneves@gmail.com)

## Quem vem de lá?

De forma breve e apenas descritiva, apresentamos as três instituições como forma de identificar os objetos do estudo. É importante destacar que as suas constituições são igualmente complexas e suas pesquisas de extrema importância para a região amazônica. Não é nosso objetivo destacar nenhuma das instituições como a mais estratégica ou mais completa e insubstituível, apesar de tempos de existência tão diferentes, suas contribuições sociais são indiscutíveis e seus estudos passaram a ser referências na região amazônica, no Brasil e em outros países.

O Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) é a mais antiga instituição científica na e da Amazônia, suas pesquisas são dedicadas às Ciências Humanas (antropologia, arqueologia e linguística), Botânica, Zoologia e Ciências da Terra. Criado na segunda metade do século XIX (1866), seus primeiros pesquisadores buscavam conhecer o que existia no interior de tanta variedade de biomas e, ao observar a natureza, não se esqueceram de observar o homem que aqui vivia e de propor, a ele, diálogos diversos através dos meios de comunicação disponíveis e acessíveis. Considerando que parte da missão da instituição consiste em “comunicar conhecimentos nas áreas de ciências naturais e humanas relacionados à Amazônia” (PORTAL, 2011)<sup>3</sup> e que entre seus objetivos estratégicos para o período 2011-2015, está a busca por “consolidar e ampliar as ações de comunicação e os serviços educativos e de informação, fortalecendo o MPEG como instituição estratégica para a CT&I”, é possível observar que a instituição se mantém em busca de diálogos. Além do Parque Zoológico (onde nasceu a instituição), o Museu tem outras duas bases físicas: Campus de Pesquisa (Belém) e Estação Científica Ferreira Pena (Floresta Nacional de Caxiuanã/Melgaço).

Sediado em Manaus, o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) nasceu na segunda metade do século XX (1952), com pesquisas nas áreas de Botânica; Biologia Aquática; Ecologia; Aquicultura; Tecnologia de Alimentos; Silvicultura Tropical; Ciências da Saúde; Produtos Florestais; Produtos Naturais; Entomologia; Ciências Agrônomicas; Clima e Recursos Hídricos, bem como em Ciências Humanas e Sociais. A instituição amadureceu e passou a ser referência em Biologia Tropical. Nos altos de seus 60 anos de existência, o INPA visa “o bem estar humano e os reclamos da cultura, da economia e da segurança nacional”, sua missão, hoje, é “gerar e disseminar conhecimentos e tecnologia, e capacitar recursos

<sup>3</sup> Disponível em [http://www.museu-goeldi.br/institucional/i\\_missao.htm](http://www.museu-goeldi.br/institucional/i_missao.htm)

humanos para o desenvolvimento da Amazônia”<sup>4</sup>. Além disso, o INPA assume, em seus objetivos, o compromisso de “gerar e disseminar conhecimento, especialmente aos segmentos sociais ligados à produção primária e/ou economicamente desfavorecidos” (Plano Diretor do INPA, 2011-2015, p. 11). Na estrutura física do INPA, há também o Bosque de Ciência, quatro Reservas, cinco Estações experimentais e, além de Manaus, possui núcleos e escritórios no Acre, Rondônia e Roraima.

Também localizado no estado do Amazonas, o Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá fica em Tefé e é a mais novas das três instituições objetos deste estudo. Foi criado no final do século XX (1999) e sua atuação é significativamente coerente com as necessidades mundiais e amazônicas. Com pesquisas voltadas ao manejo de recursos naturais e à biodiversidade, buscando encontrar melhores condições de promover o desenvolvimento sustentável na região. A missão do Mamirauá é “Promover pesquisa científica para a conservação da biodiversidade através de manejo participativo e sustentável dos recursos naturais na Amazônia”, igualmente atento em “divulgar amplamente os resultados gerados pelas pesquisas científicas” que desenvolve nos âmbitos da flora e da fauna<sup>5</sup>. Com a sede em Tefé e escritórios de representação em Belém (PA) e em Manaus (AM), o instituto atua em duas Unidades de Conservação, são as Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã, próximo a Tefé (AM) e HP nove anos foram denominadas pela UNESCO como Sítio do Patrimônio Natural da Humanidade.

Mesmo sem especificar, é possível afirmar que as três instituições desenvolvem ações sistematizadas de divulgação de suas pesquisas, nos ambientes *on* e *offline*. Neste artigo nos deteremos a uma melhor observação e análise do ambiente *online*, especificamente dos perfis do *facebook* das três instituições.

### **Informar não é comunicar**

Com uma maior ênfase no século XXI, o debate sobre a importância de apresentar à sociedade as produções científicas nacionais tem sido frequente e complexo, especialmente quando se busca aliar a teoria e a prática da comunicação da ciência. Sobre esse debate, diversos autores, pesquisadores e estudiosos de diversas áreas têm colaborado significativamente para as reflexões, entre os teóricos da comunicação, Wolton coloca que “(...) não pode haver ciência sem comunicação e sem se levar em consideração a diversidade cultural. É uma ruptura considerável” (WOLTON, 2010, p. 80).

<sup>4</sup> Disponível em <http://www.inpa.gov.br/index.php>

<sup>5</sup> Disponível em <http://www.mamiraua.org.br/>

Importante dizer que, para Wolton (2010), comunicação é mais complexa do que informação e, por isso, exige igualmente um tratamento mais complexo. Informar não é suficiente para comunicar. Para ele, comunicação é compartilhamento, sedução, convicção e raridade. Já a informação é abundante, acontece em grande quantidade e pode causar na sociedade uma “infobesidade”, quanto mais informação maior o risco de haver menos comunicação.

A problemática apontada por Wolton deve fazer parte do debate de qualquer instituição científica que estipule em sua missão ou em seus objetivos, a preocupação em dialogar com a sociedade, como é o caso do MPEG, INPA e Mamirauá. Ter um *mix* de ferramentas de comunicação cumpre uma meta econômica, mas não resolve, sozinho, a questão do diálogo. Visto que “comunicação nunca é uma prática natural, mas o resultado de um processo frágil de negociação. É por isso que informar não basta para comunicar” (WOLTON, 2010, p. 89). Se para conviver é necessário negociar, a ciência e a sociedade não científica devem estar dispostas a esta negociação para se compreenderem, pois o bom desenrolar dessa convivência torna obrigatório considerar o outro como o principal obstáculo, ou solução, aos problemas de incomunicação.

Para Santos, a relação ciência e sociedade (ou senso comum) é “uma relação em que qualquer deles é feito do outro e ambos fazem algo novo” (SANTOS, 1989, p. 40). É no âmbito das relações (comunicação) que consiste a principal revolução do século XX:

A revolução do século XX não é da informação, mas a da comunicação. Não é da mensagem, mas a da relação. Não é da produção e da distribuição da informação por meio de tecnologias sofisticadas, mas a das condições de sua aceitação ou de sua recusa pelos milhões de receptores, todos diferentes e raramente em sintonia com os emissores. Os receptores, destinatários da informação, complicam a comunicação. A informação esbarra no rosto do outro. Sonhava-se com a aldeia global. Estamos na torre de Babel (WOLTON, 2012, p. 15).

No ambiente *online*, especialmente no *facebook*, é importante também que se respeite o tempo de amadurecimento de uma relação. As instituições científicas não podem adentrar a “torre de Babel” sem avaliar riscos e fortalecimentos. Independente da mídia e do ambiente onde acontece o diálogo, considerar o tempo para que a mensagem seja “degustada” e refletida pode colaborar sensivelmente para a melhor interatividade e, conseqüentemente, “confiança mútua”, como afirmado por Wolton (2010, p. 20).

As redes digitais são mais um elemento que compõem o mix comunicacional das instituições científicas, não foram adotadas para que os outros modelos anteriores fossem

abandonados por serem obsoletos e inúteis. As redes digitais permitem atuações diferenciadas, com possibilidades de diálogos e interações diferentes do impresso, do rádio e do audiovisual. Estar no *facebook* não é necessariamente uma ruptura, nem uma transposição tecnológica é, sim, mais um caminho para a socialização. Não se percebe aí uma ode ao novo (FELINTO, 2011), mas dado o conteúdo das postagens, é realmente uma oportunidade de visibilizar o que é feito fora da rede digital, possibilitando muitos outros encontros.

Diante de todos os fenômenos que ocorrem no ambiente online, Wolton (2010, p. 38) reflete que “se a internet é o símbolo das tecnologias da informação, o que lhe dá sentido é a procura de uma *outra* comunicação: os internautas buscam, antes de tudo, outras relações humanas e novas solidariedades. Mais do que nunca, o horizonte é o *outro*”. E esse *outro* sujeito jamais poderá ser desconsiderado pela comunicação da ciência, o contrário disso aumentará o risco de haver informação sem comunicação.

### **Navegando nos *facebook*s**

Após algumas visitas livres aos perfis das instituições, foi possível elaborar um roteiro estruturado para sistematizar a observação e a coleta de dados. Com questões fechadas, o roteiro foi dividido em 14 itens e mapeou desde o tipo de perfil da instituição, data de criação, frequência e quantidade de postagens próprias no período analisado e os retornos dos seguidores e amigos a estas postagens: se curtem, comentam e compartilham, conteúdo das postagens, entre outras informações. O período selecionado para a análise foi entre os meses de junho a setembro de 2012, sendo a coleta realizada no dia 10 de outubro de 2012.

Abaixo, o quadro com as informações coletadas<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> A escolha pelo modelo de tabela única é para que facilitar a comparação entre as instituições de forma mais ampla. Separar a tabela em duas, a nosso ver, deixará a análise mais restrita, visto que só será possível visualizar MPEG-INPA ou MPEG-Mamirauá. O mais importante neste trabalho não é analisar o tipo de perfil, mas o que é “dito” por meio dele.

CATEGORIA	MUSEU	INPA	MAMIRAUÁ
Quantos perfis	Foram encontrados dois perfis	Foram encontrados 3 perfis	Encontrado apenas 1 perfil
Perfil analisado	<i>Fanpage</i> e página Pessoal <sup>7</sup>	<i>Fanpage</i>	Página Pessoal
Data de criação	<i>Fanpage</i> : 15/6/2012 Página pessoal: 9/9/2011	18/8/2011	6/8/2011
Amigos e seguidores	<i>Fanpage</i> : 380 seguidores Página pessoal: 5.012 amigos	1.288 seguidores	4.992 amigos
Postagens próprias (periodicidade)	Diariamente (pelo menos uma vez por dia, todo dia)	Diariamente (quase todos os dias)	Esporadicamente (algumas vezes por mês)
Postagens próprias no período analisado (quantidade)	<i>Fanpage</i> : 49 Página pessoal: 33	43 postagens (sendo 38 só em setembro e as outras 5 em julho e agosto)	18
Opções curtir	<i>Fanpage</i> : 94 Página pessoal: 416	269	668
Compartilhamento	<i>Fanpage</i> : 155 Página pessoal: 346	190	384
Conteúdo das postagens próprias	Pesquisas, projetos de pesquisa e de extensão, eventos científicos, fotografias, vídeos, premiações promovidas pela instituição, campanhas de comunicação.	Pesquisas, projetos de pesquisa e de extensão, eventos científicos, fotografias.	Pesquisas e eventos científicos.
Pessoas falando sobre isso (no dia da coleta)	35	107	Não identificado
Grupo de idade mais popular	18-24 anos	18-24 anos	Não identificado
Há informações institucionais no perfil	Sim	Sim	Sim
O perfil conecta com o site?	Sim	Sim	Sim
O perfil converge com outras redes?	Sim	Sim	Não

Obs: O Mamirauá não tem *fanpage* e o INPA não tem página pessoal.

<sup>7</sup> Os dois perfis oficiais foram selecionados para que fosse possível ter parâmetro com as duas outras instituições.

### Primeiras considerações:

- Museu Paraense Emílio Goeldi:

✓ Ambos os perfis são oficiais da instituição e são mais recentes do que das demais instituições. O perfil da página pessoal foi o primeiro a ser criado, há 1 ano. A *fanpage* foi criada há 3 meses. O *facebook* permite que uma página pessoal tenha até cinco mil amigos e o perfil do MPEG chegou ao limite, como a *fanpage* é recente, é possível afirmar que foi criada em função da sobrecarga da outra página.

### Página pessoal do MPEG



### Fanpage do MPEG



- Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia:
  - ✓ Entre os três perfis encontrados do INPA, analisamos apenas aquele que foi possível identificar como sendo oficial e essa identificação foi possível em virtude da assinatura da Ascom da instituição na imagem de capa do perfil.

### Fanpage do INPA



- Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá:
  - ✓ Como dito, o Mamirauá possui uma página pessoal e que também está atingindo o limite permitido pelo facebook e possivelmente precise recorrer a *fanpage*.

### Página pessoal do Instituto Mamirauá





## Análises

É complexo compreender o que se faz dentro de instituições científicas. E não é com o exclusivo acesso pelo *facebook* que se fará a transcodificação de saberes, nos termos de Santos (1989). É certamente mais uma janela aberta que pode provocar novos e curiosos olhares ou mesmo ajudar que interessados em ciência encontrem outros, estabelecendo redes de interesses nos assuntos abordados. E também é importante lembrar que as postagens não interessam a todos de maneira uniforme e unânime. Cada amigo ou seguidor tem uma atenção seletiva sobre aquilo que é dito ou provocado. E ainda há aqueles que não interagem diretamente com os *posts*, mas que possivelmente estendam os debates em seus grupos.

As três instituições tem histórico de trabalho com formatos tradicionais de produtos de comunicação. São experientes nos meios impressos, digitais (*sites*) e também no audiovisual, por meio de documentários de pesquisa e institucionais. O Instituto Mamirauá, por exemplo, atua em contato direto com as comunidades das reservas de Mamirauá e Amanã, e sempre que necessário elabora e produz cartilhas de manejo, relatórios de pesquisa, além da revista científica Uakari e seu site, onde disponibiliza documentos, artigos, fotos e mapas das reservas, entre outras coisas.

Debater ciência em cada um desses produtos de comunicação exige uma linguagem específica e técnicas próprias. O mesmo vale para uma conta em uma rede digital como o *facebook* e nesse caso, especificamente, é importante “aprender a administrar as idas e vindas relativas ao lugar das tecnologias e das ciências nos debates públicos e nas polêmicas” (WOLTON, 2010, p. 81). É necessário um grande esforço de adaptação às linguagens diferenciadas exigidas pelos novos sistemas, especialmente quando o objetivo é não reproduzir as concepções equivocadas de uma comunicação linear e vertical.

O papel das instituições científicas é buscar compreender também o seu papel participativo nesse contexto, para que não atuem como mais um ator que “está”, sem criar algo novo. Para que se destaque e cumpra parte de seu papel social, elas devem assumir o compromisso de provocar, em si mesmas, o estranhamento e a reflexão necessária para ajudar que a sociedade compreenda tudo o que está acontecendo e as possibilidades de convivência pela internet e fora dela, já que ela “permite sair dos *territórios*” (WOLTON, 2010, p. 37). O autor também observa o não questionamento social de todas essas mudanças por meio da comunicação, algo que não pode ser reproduzido pelas instituições científicas analisadas, nem por qualquer outra localizada na Amazônia, é imprescindível que elas assumam sua responsabilidade pelas transformações sociais.

Ter uma conta no *facebook* não significa que haja uma proposta de comunicação dialógica e que o outro desse processo esteja envolvido pelas mensagens. Tanto nos perfis do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) quanto na *fanpage* do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) é possível perceber um esforço de harmonia nas postagens, especialmente ao provocar seus seguidores com questionamentos e pedidos de opinião. A *fanpage* do MPEG, por ser muito mais recente do que a do INPA, possui menos seguidores, ainda assim, percentualmente, as intervenções são tão significativas quanto as do INPA.

Em ambos os perfis do MPEG, é possível acompanhar campanhas específicas por tempos maiores, como é o caso do Prêmio Marcio Ayres e da Agência Tubo de Ensaio, que inclusive era a imagem de capa da *fanpage*. Pelos dois perfis vê-se, também, a divulgação de eventos científicos promovidos pela instituição como eventos em que apenas participa, como o caso do Congresso da SBPC 2012, no Maranhão. Se considerarmos que quando os seguidores e amigos de um perfil compartilham determinadas postagens é porque compreenderam a mensagem, concordando ou não com ela, e essa compreensão é o ápice da negociação desta relação, podemos então arriscar que as postagens do MPEG estão alcançando seus objetivos comunicacionais. Inclusive porque,

Receptores negociam, filtram, hierarquizam, recusam ou aceitam as incontáveis mensagens recebidas, como todos nós, diariamente. O receptor, que nunca foi passivo, está cada vez mais ativo para resistir ao fluxo de informações. Seria mais adequado falar em receptor-ator, para destacar o aspecto dinâmico dessa função (WOLTON, 2010, p. 18).

Por outro lado, o Instituto Mamirauá além de não possuir uma dinâmica sistematizada de postagens, não o faz com frequência. Ainda assim, os amigos do perfil compartilham e curtem em grande volume estas postagens, especialmente as fotos nas quais os pesquisadores estão em trabalho de campo nas comunidades. E esse parece um fenômeno bastante curioso. O quadro mostra bem essa disparidade. No período analisado, há apenas 18 postagens feitas pelo moderador da página e a quantidade de compartilhamentos ultrapassa esse número vinte vezes.

Sabe-se da leitura correta que McLuhan (1974) fez do mundo conectado por uma rede mundial, estabelecendo-se uma “aldeia global”, entretanto, “o mundo é uma aldeia global do ponto de vista tecnológico. Não dos homens, nem das culturas e das visões de mundo” (WOLTON, 2010, p. 82). E esse não pode ser o entendimento destas instituições a respeito do outro, pelo projeto amazônico de cada uma, é preciso que compreendam que seus diálogos devem ser plurais, no sentido de respeitar as diferenças culturais, bem como avaliar até onde

essas práticas efetivas se aproximam ou não de seus públicos ou mesmo se eles estão satisfeitos ou se sentem atuantes com esse tipo de comunicação.

Como dito, encontramos perfis distintos e díspares. Não se sabe ao certo qual é o perfil oficial, pois todos parecem “falar” em nome da instituição, o único visivelmente oficial é moderado pela Assessoria de Comunicação e por isso nos restringimos a analisar apenas ele. Na observação, foi possível notar que o fluxo de postagens do INPA diminuiu nos meses de julho e agosto, voltando a ser frequente em setembro. Para isso existem várias possibilidades, mas como não procuramos os moderadores, não arriscamos uma explicação para essa descontinuidade. A página do INPA também é bastante frequentada por seus seguidores. A *fanpage* do INPA é bastante dinâmica e o conteúdo das postagens é bastante amplo, com divulgação de publicações, eventos científicos internos, fotos, entre outros assuntos.

Na medida em que novas possibilidades de interação surgem, as portas fechadas da ciência são cada vez menos aceitas. E as instituições tem esse papel primordial de abrir as portas e colocar rampas de acesso para que a ciência esteja cada vez mais interagindo no social. Acrescentar mais um suporte ao mix comunicacional destas instituições, exige uma avaliação sistemática dos canais utilizados, não se pode deixar que tenham vida própria, sem uma devida avaliação e acompanhamento. Para as três instituições, o *facebook* exige outro comportamento, outra forma de estar com o outro e exercitar novas visões de sociedade (WOLTON, 2010).

Na história da comunicação, cada mídia, cada meio, se constituiu como espaços privilegiados para o debate da ciência com a sociedade. Na contemporaneidade, a ciência deve ocupar o mesmo nas mídias digitais, desenvolvendo novas habilidades para aprimorar o diálogo e a troca de saberes. Esse exercício de novas visões de sociedade, por parte das instituições científicas, é fundamental para se compreender a Amazônia em sua totalidade, temporalidade e complexidade. Portanto, a presença das instituições em redes digitais é de grande importância, mas desde que proponham diálogos com diversas gerações e enviem ao mundo a heterogeneidade e a diversidade amazônica, bem como colaborem com novas reconfigurações identitárias na região. As três instituições abordadas aqui possuem em seu escopo institucional a preocupação com a interação com públicos diversos, como fator inerente às suas atividades.

### Considerações finais

Com perfis diferentes, as três instituições científicas divulgam ações e informações que passam por suas pesquisas, eventos, publicações, projetos de educação, etc. Mas o que significa estar presente em uma rede social? Que benefícios existem para as instituições e para aqueles que a seguem? Que diálogos são estabelecidos? Ou ainda predomina o modelo teórico comunicacional de Harold Lasswell? São questionamentos que seguem para aprofundamentos futuros desta pesquisa. Essa compreensão é necessária para entender as contribuições efetivas destas interações midiáticas. Sobretudo porque “as relações humanas e sociais são muito mais complexas do que o *facebook* ou a navegação na internet. Como ficam o silêncio e o tempo de reflexão com tantos blogs, *twitters* e todos esses fluxos? Tudo pode ser interativo?” (WOLTON, 2010, p. 42).

No mais, os cientistas precisam da comunicação para atuar no espaço público, participar, partilhar, dialogar, expressar-se de maneira simples sobre assuntos complexos e, então, retirar-se do espaço público para novamente trabalhar com base em dados novos ou dados revistos. (WOLTON, 2006). É importante refletir sobre a dimensão dada pelas instituições às redes digitais, se compreendem a necessidade de readequações ou se replicam a estas mídias diferenciadas, as mesmas formas tradicionais das mídias mais convencionais, se nestas novas redes, o diálogo se efetiva e se o público é ouvido em sua totalidade e se suas leituras, nem sempre concordantes, são consideradas para realimentar os processos de comunicação existentes nas instituições científicas.

## REFERÊNCIAS

FELINTO, Erick. **Em busca do tempo perdido:** o sequestro da história na cibercultura e os desafios da teoria da mídia. Revista Matrizes, Ano 4 – nº 2 jan./jun. 2011 - São Paulo, Brasil. P 43-55.

MARQUES DE MELLO, José. **O mapa brasileiro da pesquisa experimental em Comunicação.** Intercom – RBCC. São Paulo, v.34, n.2, p. 261-272, jul./dez. 2011

MINAYO, Maria Cecília se Souza (Org.). DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Museu Paraense Emílio Goeldi. **Plano Diretor 2011-2015.** Belém, MPEG: 2011.

\_\_\_\_\_. Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. **Plano Diretor 2010-2015.** Tefé, Mamirauá, 2010.

\_\_\_\_\_. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. **Plano diretor do INPA 2011-2015.** Manaus, INPA: 2011.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar.** Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SANTOS, B. Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna.** Rio de Janeiro: Graal, 1989.

### Sites consultados:

Museu Paraense Emílio Goeldi: <http://www.museu-goeldi.br/>

Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia: <http://www.inpa.gov.br/>

Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá: <http://www.mamiraua.org.br/>